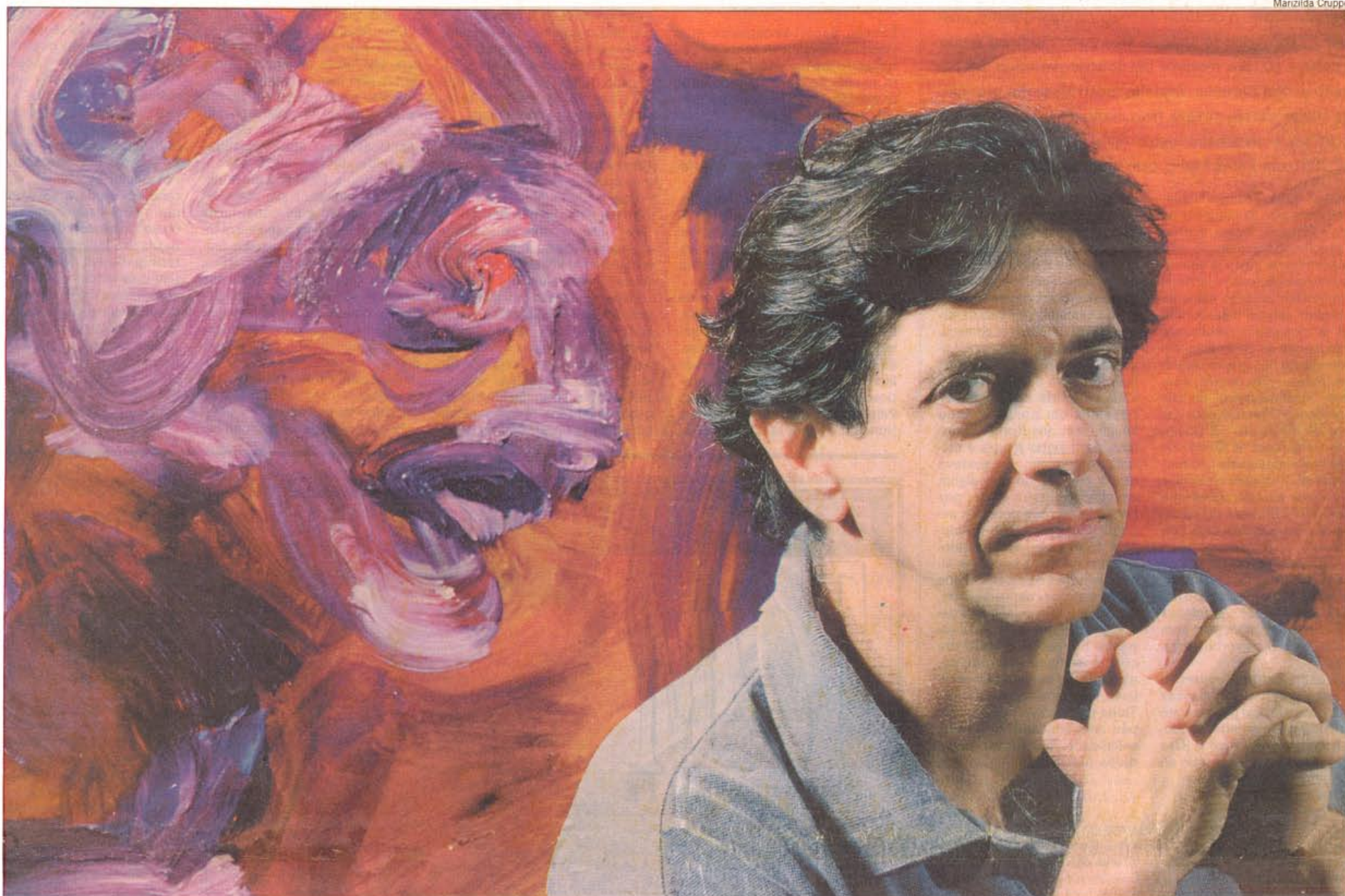


Francis:
Mastroianni foi um
'voyeur' dos pecados
alheios • 5

SEGUNDO CADERNO

Música:
Chiquinha Gonzaga
ganha série de
homenagens • 10

QUINTA-FEIRA, 6 DE DEZEMBRO DE 1996



Marizilda Cruppe

GIANGUIDO BONFANTI, em seu ateliê, diante de um detalhe de "12.9.96", óleo sobre tela de 150cm por 200cm: mestre numa técnica tradicional, ele usa imagens perturbadoras para mostrar instantes de horror

Vida na noite da alma

O 'maldito' Gianguido Bonfanti chega ao auge como o dono da paleta mais violenta do país

Wilson Coutinho

O Museu de Arte Moderna (MAM) apresentava duas excelentes exposições, as instalações do fotógrafo Miguel Rio Branco e 16 pinturas a óleo de um pintor de cavalete, com cenas de uma sexualidade violenta, densas e até mesmo chocante. Chocava ainda, para o temperamento do gosto contemporâneo, é que as telas eram bem pintadas, usando uma técnica em que poucos demonstram alguma destreza, e elas não caçavam nenhuma inovação. Eram quase tradicionais. O fato de serem bem pintadas, com uma paleta de opulentos vermelhos, azuis e violetas, podia, por si só, ser considerada uma audácia. O tema — cenas de sexo em lugares fechados e abafantes — poderiam significar muito pouco, não fosse a maestria com que o pintor abusava de sua técnica. Gianguido Bonfanti, 48 anos, chegava a um dos momentos culminantes de sua carreira.

Isto, porém, não lhe deu ainda muito prestígio no comércio de arte. Em seu ateliê e moradia no Flamengo, ao lado de uma prensa

para gravuras, que pertenceu ao artista e cineasta Mário Carneiro, Bonfanti ri da situação:

— De uma certa forma irônica, me tornei um maldito. Tenho consciência disso. O mercado não vai correr atrás de mim.

Na exposição no MAM, ele vendeu duas telas e um conjunto de desenhos para o colecionador Gilberto Chateaubriand. Quando procurou três galerias em São Paulo, ele parecia estar mostrando uma explosão vanguardista, tal a dificuldade que encontrou:

— Uma das galerias disse que não estava interessada porque minha obra era muito agressiva. Uma outra, me atendeu muito bem antes que eu enviasse o catálogo. Depois, me tratou com securo. Vim saber que uma terceira disse que tinha comprado minhas gravuras há 25 anos e não vendera nada porque as pessoas olhavam e ficavam assustadas.

Na verdade, não são peças para se deixar numa sala e confiar que as cores de suas telas vão se harmonizar com as do sofá. Em seus óleos, há cenas de sexualidade que não são decorativas nem tranquilizantes. Bonfanti parece ter pintado noitadas de horror, com

seres humanos incomunicáveis no seu ato mais íntimo, como se suas cenas tivessem se afixado na desumanidade da carne, do amor e do desamparo.

O fato é que ninguém está fazendo o que ele está. Raramente se vê uma pintura, evocando os imensos recursos do óleo, e mesmo que o artista atual trabalhe com a sexualidade, parece mais dedicado a pequenos lances biográficos, uma gota de sangue ou de sêmen num objeto ou algo similar. Ou então faz instalações sociológicas sobre o assunto. Bonfanti, ao contrário, pode ser chamado de conservador por estar atraído por temas tão existenciais, por usar elementos psicológicos e até mesmo por esticar uma tela no chassis e pintar normalmente a partir de pequenos esboços. Esta sexualidade noturna e este pessimismo moral, também contam contra ele, mesmo que seja um artista hábil em sua técnica.

— Eu não sei dizer com clareza porque trato a sexualidade desta maneira — diz o pintor — Acho que o predominante é o enclausuramento da estrutura familiar. A questão da morte sempre circundou minha casa.

Continua na página 3

Deslocado, Bonfanti ignora ondas da maré da vanguarda

Artista conta que se sentia excluído ao ver uma instalação

Reprodução

Continuação da página 1

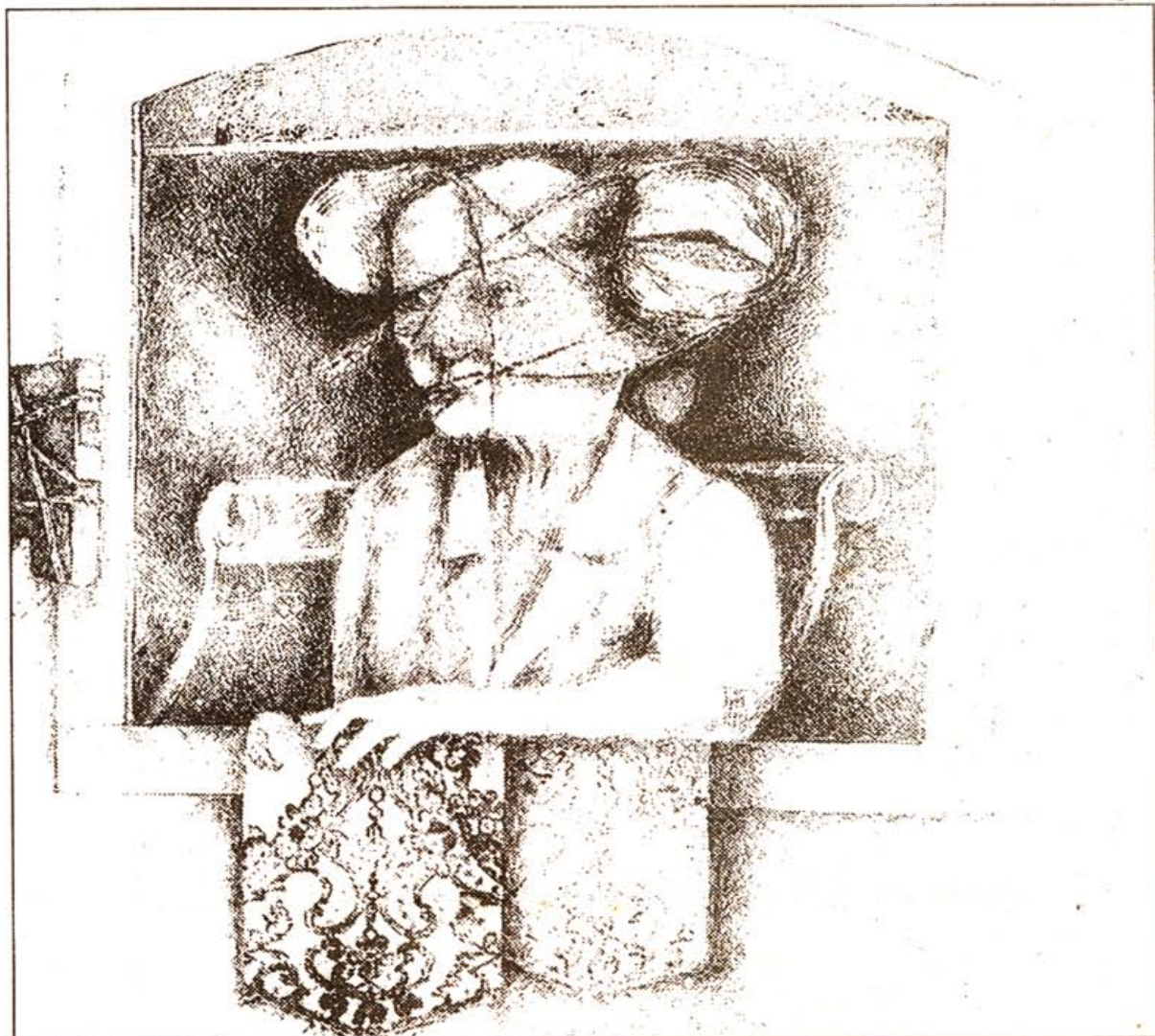
Bonfanti é muito discreto quando toca em sua família. O avô foi um notório fascista, ligado a Mussolini, e sabe-se que o pai, formado em belas-artes e diretor de uma companhia de solda elétrica, era muito agressivo no ambiente familiar. O máximo que se sabe de Bonfanti, é que para agüentar um passado não muito feliz, ele recorreu a anos de psicanálise. Algumas marcas e fantasias desse tempo, que para uma criança serão sempre angustiantes, persistem nas suas grandes telas e nos bicos de penas e pontas secas de suas gravuras de erotismo cruel. Ao mesmo tempo, isto lhe deu uma singularidade.

Escola inglesa e Iberê Camargo são referenciais do artista

Mas o que persistiu no seu isolamento ("Não tenho ligações profundas com o meio de arte. Acho que sou respeitado pela coerência e honestidade" costuma dizer) foi uma certa segurança e coragem para ficar remando contra a maré de todos os vanguardismos, dos quais ele foi contemporâneo.

— Quando via uma instalação — lembra-se — sentia uma angústia terrível. Eu estava sendo empurrado para fora da História.

Muitos artistas com genuína vocação para a pintura figurativa sentiram-se praticamente excluídos. Bonfanti estava na lista negra. Até porque sua rota desprezou tudo que estava em voga e não trepidou em nenhuma correnteza. Ele estava tão deslocado como um *boxeur* numa festa de esnobes. A arte fora seu ambiente desde criança e o pai um pintor abstrato que quando pintava podia lembrar o russo Nicolas de Stael. Aos 14 anos, ele escapulia



DETALHE DO BICO de pena "21.1.1975", de 53cm por 76cm, de Bonfanti

até o ateliê do paranaense Poty, o famoso ilustrador de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, que, como ele diz, incutiu-lhe uma ética da arte e prazer ao trabalhar.

Por isso, não chega a ser estranho, embora poucos artistas se preocupem com o fato, é que quando passou, nos começo dos anos 80, a pintar a óleo, fosse ter aulas de restauração, baseado num cuidado atípico para a sua época: de que sua obra durasse — e durasse tanto quanto um Rembrandt. Esse tradicionalismo só foi ganhar uma certa lógica quando os críticos repararam que a escola inglesa, encabeçada por Francis Bacon e com pintores como Lucien Freud, tinha algo a dizer com a pintura figurativa e,

até mesmo, psicológica. Aqui, a bem-vinda sombra de Iberê Camargo podia germinar um pequeno canteiro:

— Não o conheci, mas o estudava e via com emoção seus quadros. Para mim, ele foi um mito.

Bonfanti reconhece que seu trabalho não vai tão cedo se adaptar ao oficialismo reinante. O mercado diz que tem dificuldades em vender suas telas e os curadores seguem, normalmente, uma linha de rotina. Uma obra como a de Bonfanti deve, então, esperar.

— Ele trabalha numa certa tradição e isto é muito difícil de ser aceito. Mas se manter a densidade que mostrou na exposição do MAM, Bonfanti certamente ficará — diz o crítico Frederico de Moraes. ■